

Lembrando Cornélio Pires

ALBERTO ROVAI

Há 22 anos (em 17 de fevereiro de 1958) falecia em São Paulo, vítima — na linguagem da época — “de pertinaz moléstia”, o mais arguto e incansável observador dos tipos e costumes do caipira paulista de seu tempo: Cornélio Pires. Foi sepultado em sua amada terra natal, Tietê, onde nascera em 13 de julho de 1884.

Copioso é o cabedal de estudos sobre sua vida e sua obra, a quase totalidade esparsa em jornais, revistas e palestras não publicadas.

Dois estudos corporificaram-se, a duras penas, em livros. O primeiro, do saudoso professor pernambucano-tietense Jofre Martins Veiga, “A vida pitoresca de Cornélio Pires” (Edições O Livreiro Ltda., São Paulo, 1961), uma biografia singela mas fidedigna, repassada do imenso carinho que o autor dedicava ao biografado. (Nota: antes, em 1960, Jofre publicara, pela mesma Editora, “Antologia Caipira, prosa e poesia de Cornélio Pires”) O segundo, “Cornélio Pires, Criação e Riso”, de Macedo Dantas (Livreria Duas Cidades e Secretaria da Cultura de São Paulo, 1976), um trabalho de fôlego, resultado de longa pesquisa e conscienciosa exegese, que retirou Cornélio Pires da penumbra da nossa literatura regional, a que fora injustamente relegado, colocando-o no plano luminoso do merecimento artístico, que ele granjeara em cinquenta anos de honesto, fecundo e profícuo labor.

A esses livros, é de justiça acrescentar dois magníficos estudos, livros em potencial: a palestra proferida pelo também saudoso folclorista Alceu Maynard Araujo na Academia Paulista de Letras, em 9 de agosto de 1966, e publicada no n.º 72 da Revista desse sodalício sob o título, do próprio Alceu, “Cornélio Pires, o bandeirante do folclore paulista”; o outro estudo, uma notável biografia de Cornélio Pires, ainda inexplicavelmente inédita, elaborada pelo escritor e historiador tietense Benedicto Pires de Almeida (Zico Pires, no trato afetoso da legião de seus amigos e admiradores).

A Secretaria da Cultura tem o

dever de editar esses dois estudos, mormente tendo em vista que o titular da Pasta, sr. Antônio Henrique da Cunha Bueno, fervoroso defensor das nossas tradições, quando deputado estadual, em 1972, segundo lembra Macedo Dantas, sugeriu ao Executivo a reedição dos livros de Cornélio Pires, ardente aspiração dos cornelianos de todas as idades.

A obra de Cornélio Pires continua sendo o mais rico filão de informações sobre os tipos e costumes do caipira paulista de fins do século passado e começos do atual. Causa, por isso mesmo, estranheza que não seja sequer mencionada no admirável ensaio de Gilberto Freyre sobre tipos sócio-antropológicos na literatura nacional (“Heróis e Vilões no Romance Brasileiro”, Editora Cultrix — Editora da Universidade de São Paulo, 1979).

O tipo mais popular das antigas cidadezinhas paulistas e, provavelmente, de todo o Brasil, era o pescador, ou o caçador (ou ambas as coisas na mesma pessoa), contador de “causos” de “empuiá” até os ouvintes mais incrédulos. Esse tipo foi magistralmente esculpido (é a expressão adequada) por Cornélio Pires no personagem “Joaquim

Bentinho, o Queima Campo”. Criatura real ou tipo-síntese de atributos peculiares a pescadores e caçadores caipiras de outrora? Há divergência, mesmo entre as opiniões mais abalizadas. Seja como for, trata-se do mais bem talhado perfil sócio-antropológico de um tipo que, com seu bom-humor e suas potocas, contribuía para o encanto do viver das nossas antigas populações semi-urbanas e semi-rurais. O ensaio de Gilberto Freyre sairia enriquecido com uma referência a respeito.

Outro ponto importante a ser esclarecido na obra de Cornélio Pires: a exata localização geográfica da “Fazenda Velha”, que ele visitava de quando em quando e onde, ouvindo velhos caboclos e negros ex-escravos, colheu o material com que compôs “Conversas ao pé do fogo” — obra que honraria a mais selecionada biblioteca de antropologia cultural.

E, assim, muitos outros aspectos da obra corneliana, de fascinante interesse para os estudiosos da cultura caipira.

*

* Alberto Rovai é técnico de educação, aposentado, estudioso da cultura caipira, antigo colaborador da “Folha”.



O escritor foi um observador dos costumes populares.

Folha de São Paulo, 16-II-1980